

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE ESTOQUES NA FARMÁCIA HOSPITALAR

Andressa Ranzani Nora Mello*

Keila Maria Ramazotti**

Liliane Giglio Figueiredo Pereira***

RESUMO

Realizado por meio de revisão de ampla literatura, este estudo discorre sobre a importância da gestão de estoques na farmácia hospitalar e, para tanto, seu desenvolvimento contempla: pontuações teóricas iniciais sobre a gestão de estoques; a farmácia da instituição hospitalar e sua administração; a gestão de estoques na farmácia hospitalar. Apurou-se que a gestão dos estoques constitui-se uma ação que sofre interferência e influência de vários fatores e que promove benefícios, facilidade, pronto atendimento e custos decorrentes da manutenção de produtos em estoque. Verificou-se que a farmácia hospitalar abriga, na ótica administrativa, o insumo mais caro do hospital que é o medicamento que, pelo seu valor, implica mais do que atenção, ou seja, o modo como será adquirido, armazenado, preparado para a dispensação, os mecanismos de controle de prescrição e outras atividades técnicas do domínio farmacêutico. Concluiu-se que a gestão de estoques de uma farmácia hospitalar é de grande relevância, exigindo um profissional que conheça profundamente os mecanismos de gerenciamento de estoques e que também tenha conhecimentos técnicos e apurados sobre materiais e medicamentos.

Palavras-chave: Administração; Farmácia Hospitalar; Gestão de Estoques.

* Farmacêutica com Análises Clínicas pela PUCAMP. Mestre em Ciências (Química) pela Universidade de São Paulo. Especialista em Homeopatia pelo IHFL. Docente do CEETPS e UNIFAE. E-mail: arnmello@hotmail.com.

** Administradora de Empresas pela UNIFEOB. MBA em Administração e Logística pela UNINTER. Docente do CEETPS. E-mail: keilaramazotti@yahoo.com.br.

*** Farmacêutica pela UNIMEP. Especialista em Farmácia Hospitalar pela UNINTER. Docente do CEETPS. E-mail: lgfpereira@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Tendo como problema de pesquisa o questionamento “qual a importância da gestão de estoques para a farmácia hospitalar?”, este artigo tem sua realização alicerçada no entendimento de que, como bem afirma Viana (2009), o estoque pode ser considerado os materiais, mercadorias ou produtos acumulados para utilização posterior, de forma a possibilitar o atendimento regular das necessidades dos usuários para a continuidade das atividades da instituição.

A gestão de estoques também é aplicada à farmácia hospitalar que, segundo Oliveira (2013) constitui-se um órgão de abrangência assistencial, técnico-científica e administrativa, no qual são desenvolvidas atividades relacionadas à produção, armazenamento, controle, dispensação e distribuição de medicamentos e correlatos às unidades hospitalares.

Nas palavras de Oliveira (2013):

A principal razão de ser da farmácia é servir ao paciente, objetivando dispensar medicações seguras e oportunas. Sua missão compreende tudo o que se refere ao medicamento, desde sua seleção até sua dispensação, velando a todo o momento por sua adequada utilização no plano assistencial, econômico, investigativo e docente. O farmacêutico tem, portanto, uma importante função clínica, administrativa e de consulta (OLIVEIRA, 2013, p. 01).

Tem-se como objetivo principal demonstrar a importância da gestão de estoques na farmácia hospitalar. Para tanto, os objetivos específicos incluem: apresentar, inicialmente, pontuações teóricas importantes sobre a gestão de estoques; comentar sobre a administração da farmácia da instituição hospitalar; focalizar a gestão de estoques da farmácia hospitalar.

Como metodologia de pesquisa adotou-se a revisão de literatura, fundamentada em livros e artigos que abordam o tema aqui analisado.

Espera-se que este trabalho sirva de impulso para futuras pesquisas a respeito, por tratar-se de um tema de grande interesse tanto para a área farmacêutica como para a área administrativa.

1 GESTÃO DE ESTOQUES: PONTUAÇÕES TEÓRICAS INICIAIS

Na definição de Slack; Chambers & Johnston (2009, p. 381), estoque é a “acumulação armazenada de recursos materiais em um sistema de transformação”. Algumas vezes, estoque também é usado para descrever qualquer recurso armazenado.

Os referidos autores citam exemplos de estoques mantidos em operações:

- Hotel: itens de alimentação, itens de toalete, materiais de limpeza;
- Hospital: gaze, instrumentos, sangue, alimentos, drogas, materiais de limpeza;
- Loja de Varejo: coisas a serem vendidas, materiais de embalagem;
- Armazém: coisas armazenadas, materiais de embalagem;
- Manufatura de televisor: componentes, matéria-prima, produtos semi-acabados, televisores acabados, materiais de limpeza.

O termo controle de estoques deve-se à função da necessidade de estipular os diversos níveis de materiais e produtos que a instituição deve manter.

Segundo Slack; Chambers & Johnston (2009), existem quatro tipos de estoques:

- Estoque de proteção: também denominado estoque isolador, seu propósito é compensar as incertezas inerentes a fornecimento e demanda.
- Estoque de ciclo: este tipo de estoque ocorre porque um ou mais estágios na operação não podem fornecer simultaneamente todos os itens que produzem.
- Estoque de antecipação: estoque utilizado para compensar diferenças de ritmo de fornecimento e demanda.
- Estoque de canal de distribuição: estes estoques existem porque material não pode ser transportado instantaneamente entre o ponto de fornecimento e o ponto de demanda.

Os gestores precisam gerir, em cada ponto no sistema de estoque, as tarefas do dia a dia dos sistemas. Assim, o gerenciamento do sistema contempla três principais tipos de decisões, conforme orientam Slack; Chambers & Johnston (2009):

- Quanto pedir: cada vez que um pedido de reabastecimento é colocado, de que tamanho ele deve ser (algumas vezes chamadas de decisões de volume ou ressurgimento)?
- Quando pedir: em que momento, ou em que nível de estoque, o pedido de

reabastecimento deveria ser colocado? (algumas vezes chamadas de decisões de momento de reposição)

- Como controlar o sistema: que procedimentos e rotinas devem ser implantados para ajudar a tomar essas decisões? Diferentes prioridades deveriam ser atribuídas a diferentes itens do estoque? Como a informação sobre estoque deveria ser armazenada?

Para Pozo (2010), uma das mais relevantes funções da administração de materiais está relacionada com o controle de níveis de estoques, uma vez que influenciam e afetam de forma bem definida o desempenho da instituição.

Portanto, enfatiza o mesmo autor, a função principal da administração de estoques é maximizar o uso dos recursos envolvidos na área logística da organização, e com grande efeito dentro dos estoques. Segundo ele, a relevância da correta gestão de estoques pode ser mais facilmente percebida quando os bens necessários não estão disponíveis no momento exato para atender à demanda.

Considerando que função de planejar e controlar estoque são fator essencial numa boa administração, Pozo (2010) elenca os principais objetivos do planejamento e controle de estoques:

- assegurar o suprimento adequado de matéria-prima, material auxiliar, peças e insumos;
- manter o estoque o mais baixo possível para atendimento compatível às necessidades;
- identificar os itens obsoletos e defeituosos em estoque, para eliminá-los;
- não permitir condições de falta ou excesso em relação à demanda;
- prevenir-se contra perdas, danos, extravios ou mau uso;
- manter as quantidades em relação às necessidades e aos registros;
- fornecer bases concretas para a elaboração de dados ao planejamento de curto, médio e longo prazos, das necessidades de estoque;
- manter os custos nos níveis mais baixos possíveis.

O motivo de manter estoques está relacionada com a previsão de seu uso em um futuro imediato, e sabe-se que é praticamente impossível conhecer a demanda futura, o que torna necessário manter determinado nível de estoque, para garantir disponibilidade de produtos às demandas.

De acordo com Neushel & Fuuler apud Dias (2009), as deficiências do

controle de estoques geralmente são mostradas por reclamações contra sintomas específicos e não por críticas diretas a todo sistema, sendo alguns desses sintomas: periódicas e grandes dilatações dos prazos de entregas e dos tempos de reposição; falta de espaço para armazenamento; obsolescência em demasia.

Dias (2009) também aponta os princípios básicos para o controle de estoques, a fim de organizar um setor de forma adequada e satisfatória:

- determinar “o que” deve permanecer em estoque. Número de itens;
- determinar “quando” se deve reabastecer os estoques. Periodicidade;
- determinar “quanto” de estoque será necessário para um período predeterminado;
- acionar o setor de Compras para executar aquisição de estoque;
- receber, armazenar e atender os materiais estocados de acordo com as necessidades;
- controlar os estoques em termos de quantidade e valor e fornecer informações sobre a posição do estoque;
- manter inventários periódicos para avaliação das quantidades;
- identificar e retirar do estoque os itens obsoletos.

Discorrendo sobre a existência de estoque, Slack et al. (2006) afirmam que não importa o que está sendo armazenado como estoque; ele existirá porque há uma diferença de ritmo ou de taxa entre fornecimento e demanda.

“Se o fornecimento de qualquer item ocorresse exatamente quando fosse demandado, o item nunca seria estocado” (SLACK et al., 2006, p. 279).

2 A FARMÁCIA DA INSTITUIÇÃO HOSPITALAR E SUA ADMINISTRAÇÃO

Da mesma forma que uma empresa possui vários departamentos, com o hospital não é diferente. Nele, há o desmembramento em muitos setores, para que, coordenadamente, sejam executados os serviços a que se propõe.

Existem alguns departamentos essenciais ao funcionamento do hospital, e que a partir deles segue a árvore do organograma hospitalar (SANTOS, 2006).

Esses departamentos são: conselho diretor; corpo clínico; enfermagem. O conselho terá um representante à sua frente, que será o superintendente ou o

próprio administrador do hospital. O corpo clínico é formado pelos médicos, presentes em todas as unidades, 24 horas por dia, e detêm o poder e a autonomia de iniciar, reiniciar ou encerrar um tratamento/atendimento médico. A enfermagem atua direta e ativamente no objetivo mais importante de um hospital que é a prestação, com excelência, do atendimento ao paciente, constituindo-se, assim como o médico, um dos pilares da instituição hospitalar, devido à sua função primordial de assistencialista.

Dentre os serviços técnicos estão: farmácia hospitalar; almoxarifado; serviço de nutrição e dietética; lactário; banco de leite; central de esterilização de materiais; laboratório clínico; unidades de exames; banco de sangue. Existem, ainda, outros serviços, como: arquivamento; lavanderia; faturamento/tesouraria; necrotério.

Oliveira (2013) considera como elementos primordiais para o êxito de uma farmácia hospitalar:

- liderança e prática de gerenciamento;
- informação sobre medicamentos e educação;
- otimização da terapia medicamentosa;
- dispensação de medicamentos e controles;
- estrutura, equipamentos e fontes de informação;
- pesquisa farmacológica clínica.

Para a referida autora, a missão da farmácia hospitalar deve ser escrita e conhecida de todos os funcionários (refletindo o compromisso com pacientes e responsabilidades operacionais), além ser compatível com as características e missão do hospital.

Em conformidade com o Conselho Federal de Farmácia (CFF), farmácia hospitalar e outros serviços de saúde definem-se como:

[...] unidade clínica, administrativa e econômica, dirigida por farmacêutico, ligada hierarquicamente à direção do hospital ou serviço de saúde e integrada funcionalmente com as demais unidades administrativas e de assistência ao paciente (BRASIL, 2012, p. 14).

Assim, a farmácia hospitalar deve desenvolver atividades clínicas e relacionadas à gestão, sendo um setor do hospital que demanda altos valores orçamentários e, por esse motivo, o farmacêutico hospitalar deve assumir atividades

gerenciais para contribuir com a eficiência administrativa e, por conseguinte, com a redução dos custos.

Por outro lado, a farmácia hospitalar também possui como intuito contribuir no processo de cuidado à saúde, através da prestação de assistência ao paciente com qualidade, que vise ao uso seguro e racional de medicamentos, conforme preconiza a Política Nacional de Medicamentos, regulamentada pela Portaria nº 3.916/98, do Ministério da Saúde.

No ano de 2010, o Ministério da Saúde publicou a Portaria 4.283, que definiu diretrizes relacionadas e estratégias, visando organizar, fortalecer e aprimorar as ações da assistência farmacêutica em hospitais, tendo como eixos estruturantes a segurança e a promoção do uso racional de medicamentos e de outras tecnologias em saúde.

O referido documento reconhece como áreas de atuação da farmácia hospitalar: a gestão, a distribuição e dispensação de medicamentos e produtos para a saúde, a manipulação e a unitarização de medicamentos, assim como o cuidado ao paciente, a informação sobre medicamentos e outras tecnologias em saúde e, inclusive, as atividades de ensino e pesquisa e educação continuada.

Além disso:

[...] a farmácia hospitalar deve contar com farmacêuticos e auxiliares, necessários ao pleno desenvolvimento de suas atividades, considerando a complexidade do hospital, os serviços ofertados, o grau de informatização e mecanização, o horário de funcionamento, a segurança para o trabalhador e usuários (BRASIL, 2012, p. 18).

De acordo com Santos (2006), a administração é um processo, pois todas as pessoas envolvidas produzem de forma organizada e interdependente. Os administradores devem interpretar os objetivos propostos pela instituição e transformá-los em ação por meio de planejamento, organização, direção e controle.

O seu comportamento, porém, não deve ser exatamente a ação técnica que ele aplicará à sua gestão, mas, sim, a sua marca pessoal, sua forma de conduta. Essas formas de conduta são, conforme Santos (2006):

- Símbolo: Enfoca a saudação, o cumprimento aos colaboradores e clientes externos. O farmacêutico, gestor do departamento no caso da farmácia hospitalar, é o símbolo daquele setor, de tal forma que, se as coisas não forem bem, a

responsabilidade recairá sobre ele, mesmo que não seja por sua culpa. Quanto ao sucesso desse departamento, também serão creditados ao gestor, mas o trabalho da equipe sempre será valorizado e atribuído ao chefe.

- Político: Alianças e sinergismos são necessários em um grupo ou nas relações com setores externos; portanto “fazer política” é importante na conduta administrativa.

- Coletor de informações: O gestor deve ter a habilidade de buscar informações que muitas vezes não chegariam a ele de maneira natural. Nesse caso, a rede de contatos pode contribuir.

- Comunicador: O gestor precisa passar aos comandados as rotinas, as deliberações, os comunicados e as decisões tomadas. Isso não se faz apenas distribuindo memorandos ou e-mails, deve haver a capacidade de se comunicar.

Cabe frisar que o farmacêutico, devidamente habilitado, deve integrar o time de gestão do hospital, fornecendo dados estratégicos para a compilação dos indicadores hospitalares, orienta Santos (2006).

3 A GESTÃO DE ESTOQUES NA FARMÁCIA HOSPITALAR

Segundo Oliveira (2013), ao discorrer sobre a estocagem de medicamento, é importante ter em mente que:

- os medicamentos devem ser estocados e preparados em condições apropriadas de higiene, temperatura, luz, ventilação, segregação e segurança que assegurem integridade do medicamento e segurança do pessoal envolvido;
- deve existir uma estrutura para que a estocagem e preparação de medicamentos sejam realizadas dentro de parâmetros legais e de segurança;
- o espaço e a estrutura da área de manipulação devem atender as boas práticas de manipulação e estocagem;
- na manipulação de estéreis deve-se ter os cuidados redobrados, evitando potenciais contaminações de produtos.

Com relação à estrutura, equipamentos e fontes de informação, Oliveira (2013) pontua que:

- para assegurar uma performance operacional ótima e qualidade no atendimento ao

paciente, espaço adequado, equipamentos e suprimentos devem estar disponíveis para todos os profissionais e funções administrativas relacionadas ao uso de medicamentos.

- estes recursos devem estar localizados em áreas que facilitem a provisão de serviços ao paciente, enfermeiros, prescritores e outros profissionais de saúde e devem estar integrados com os serviços gerais do hospital (comunicações, transportes, segurança, limpeza, lavanderia, etc.).

Para Santos (2006), a administração de medicamentos e materiais médico-hospitalares compreende um ciclo contínuo de operações correlatas e interdependentes, estando dentre elas: previsão; compra (cotação, pedido e entrega); análise do estoque e da flutuação; compra (recebimento do produto); fluxo de distribuição interno; armazenamento; controle do estoque.

A farmácia hospitalar é considerada a caderneta de poupança do hospital e o gerenciamento dos estoques de um hospital tem como propósito assegurar o eficiente abastecimento dos materiais e medicamentos necessários ao funcionamento da instituição, devendo, portanto, ocorrer em tempo oportuno, com qualidade e menor custo possível.

A gestão desse estoque, conforme relatos de Santos (2006), deve também atender a duas exigências básicas:

- não pode haver excessos;
- não pode haver faltas.

Sabendo-se que estoques custam caro, há necessidade de planejamento e vigilância intensa.

Os insumos guardados na farmácia podem corresponder a, aproximadamente, 30% dos gastos de um hospital, excetuando-se salários e encargos de funcionários. E, como qualquer empresa, o hospital deve ter grande preocupação com a gestão dos seus estoques.

São objetivos do estoque, segundo Santos (2006):

- economia: deve haver o máximo aproveitamento dos recursos financeiros investidos em materiais e menor custo possível na ação de controle;
- amplitude: deve possuir abrangência sobre todos os itens que mereçam interesse estratégico, pela sua representatividade financeira, ou por sua importância nos processos produtivos;

- duração: deve ser uma ação persistente, sem tréguas ou concessões;
- clareza: o controle de estoques deve retratar os fatos envolvidos com a estocagem e utilização de forma exata, objetiva e compreensível.

Na instituição hospitalar não pode haver excessos, tampouco faltas de materiais e medicamentos. As faltas de materiais e equipamentos muitas vezes ocorrem por:

- falta de investimento no setor de materiais (muitos administradores mal conhecem a farmácia e o almoxarifado);
- ocorrência de corrupção e clientelismo;
- baixa qualidade no serviço prestado (funcionários despreparados);
- inexistência de processos coordenados para o fluxo de materiais (logística), sem controle, portanto, das operações e do estoque;
- os processos existentes são arcaicos e com pontos desconexos;
- departamento de compras opera sem políticas definidas;
- gestão dos setores envolvidos (farmácia, almoxarifado, compras) é despreparada e sem comprometimento;
- instituição conta com poucos recursos financeiros;
- não existem metas a serem atingidas (previsões orçamentárias).

Fato é que administrar os materiais não significa simplesmente controlar os estoques.

Nesse sentido:

Existe um grande equívoco quando se imagina que a boa gestão na área de suprimentos é aquela na qual os inventários são sempre satisfatórios, sem a preocupação com as atividades-fim desse setor, que tem atribuições específicas, tais como controle sobre as movimentações, atuação no departamento de compras, preocupação com o eficiente armazenamento, etc. (SANTOS, 2006, p. 55).

Sabedor das funções relevantes que o estoque desempenha dentro de uma instituição, o gestor deve estabelecer diretrizes para a condução das atividades dentro de um setor de suprimentos.

Santos (2006) lista algumas diretrizes que são estratégicas para o estoque e podem ser definidas como pontos de controle que acompanham o seu funcionamento:

- Tempo de entrega dos produtos:

O gestor deve administrar e controlar:

- a) o tempo de processamento interno, que é o período da gestão interna da solicitação do produto;
- b) o tempo de processamento externo, que é o período da gestão externa da compra; basicamente é o tempo que o produtos levará para chegar ao hospital;
- c) locais de armazenamento, cuidando das condições qualitativas e quantitativas.

- Fornecedores:

O rol de fornecedores que abastecem o hospital é formulado por meio de critérios subjetivos ou objetivos.

Os critérios subjetivos são realizados pelas instituições particulares, já os critérios objetivos pelas instituições públicas (Lei nº 8.666).

- Flutuação dos estoques:

Para estabelecer a flutuação deve-se definir as quantidades mínima e máxima de cada item e verificar os valores do estoque, que são determinados pelo gestor e pelo administrador hospitalar. Vale frisar que se a saúde da empresa está também em seus estoques, um simples descuido poderá significar uma “torneira aberta” nas finanças.

- Especulação com estoques:

Há um nível de aceitabilidade para os estoques. Contudo, em determinadas situações, certa “desobediência” às metas pode ser explicada: uma negociação que supere valores e quantidades, mas que traga rentabilidade maior para o hospital.

- Rotatividade dos estoques:

Além da importância de se definir a flutuação, o gestor deve estar atento quanto à rotatividade desse estoque, visto que determinados produtos encontram-se simultaneamente dispostos em vários locais do hospital. Tal fato ocorre de forma natural e necessária, dada a necessidade de estarem estrategicamente localizados, o que ajuda a agilizar sua utilização.

A melhor forma de se viabilizar uma rotatividade próxima da realidade do consumo se dá por meio da padronização das cotas, que são quantidades preestabelecidas dos produtos utilizados em cada estoque, com base em informações obtidas pelo consumo médio.

Cabe destacar aqui que alguns fatores alteram o consumo médio e a sazonalidade são as interferências extrínsecas e intrínsecas que um estoque pode sofrer, onde:

- Fatores extrínsecos:

- a) epidemias: surtos ocorridos em determinada região, independentemente do âmbito, que afetam substancialmente o consumo de determinados itens, principalmente medicamentos.
- b) variações climáticas: as várias estações do ano modificam profundamente os consumos. Por exemplo: antibióticos no inverno e no verão.
- c) descontinuidade: muitos medicamentos deixam de ser fabricados de forma inesperada, impulsionando o consumo de outros com utilização semelhante.

- Fatores intrínsecos:

- a) surto de infecção hospitalar: localizado dentro da própria unidade, pode alterar, sobretudo, o volume de antibióticos dispensados. Em determinadas situações, para dominar as consequências de um surto de infecção hospitalar, deve-se utilizar medidas emergenciais, como uso de antibióticos diferentes dos empregados e com maior espectro, além de outras possibilidades.
- b) obsolescência: logo após um item ser considerado ultrapassado do ponto de vista terapêutico, outro medicamento é adotado nas condutas. Como é raro o médico sinalizar esse fato, cabe ao farmacêutico identificar essa mudança, analisar a substituição e, se for o caso, alterar a padronização de medicamentos.
- c) mudança de condutas: independentemente da qualidade do produto, uma simples troca de equipe médica pode trazer modificações nos itens utilizados.
- d) Marketing da indústria farmacêutica: as visitas dos laboratórios ao ambiente médico-hospitalar, caso não sejam bem coordenadas, podem trazer solicitações e, posteriormente, alterações indesejáveis no consumo. A ação da indústria farmacêutica é importante e necessária, mas critérios e regras devem ser criados. O

acesso desses profissionais da propaganda ao médico não precisa ocorrer a todo o momento, em qualquer local do hospital.

Como discorre Santos (2006), a França experimenta um modelo onde esses encarregados da promoção de medicamentos não têm acesso aos médicos dentro do ambiente hospitalar, sendo que somente o farmacêutico pode recepcioná-los. Este profissional colhe as informações, avalia-as, cataloga-as e as repassa, em outro momento, aos médicos.

No Brasil, a grande maioria das farmácias hospitalares ainda não possui estrutura capaz de servir como multiplicador da indústria farmacêutica. É preciso que a farmácia se organiza e, juntamente com as chefias médicas, atenda os profissionais da propaganda, instrui Santos (2006).

Um dos pontos bem ressaltados por Santos (2006) é que o hospital não constitui um segmento onde se determina com facilidade a quantidade de produtos a ser comprada para o próximo período. Aliás, esse tipo de cálculo é um desafio para todos os gestores de estoques, nos mais variados segmentos.

“Estoque significa patrimônio; portanto a previsão de forma negligente traz sérias consequências às finanças de um hospital” (SANTOS, 2006, p. 69).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a gestão dos estoques constitui-se uma ação que sofre interferência e influência de vários fatores e que promove benefícios, facilidade, pronto atendimento e custos decorrentes da manutenção de produtos em estoque.

O gestor deve definir regras e métodos de decisões sobre os itens e suas quantidades em estoque para que o desempenho e o controle de todos os recursos de armazenagem sejam eficientes e otimizados.

A pesquisa apontou que a análise detalhada e constante dos estoques é fundamental para que o gestor da área possa ter controle de seus recursos, para que estes sejam compatíveis com a demanda.

Portanto, a política de estoques configura-se o conjunto de atos diretivos que determinam princípios, diretrizes e normas relacionadas ao gerenciamento. Nesse sentido, a preocupação da gestão de estoques reside em manter o equilíbrio entre

as diversas variáveis componentes do sistema, tais como custos de aquisição, de estocagem e de distribuição; nível de atendimento das necessidades dos usuários.

Especificamente quanto à farmácia hospitalar, esta abriga, na ótica administrativa, o insumo mais caro do hospital que é o medicamento que, pelo seu valor, implica mais do que atenção, ou seja, o modo como será adquirido, armazenado, preparado para a dispensação, os mecanismos de controle de prescrição e outras atividades técnicas do domínio farmacêutico.

A farmácia hospitalar trata-se de uma unidade técnico-administrativa e, por isso, a amplitude de seus serviços e responsabilidade vão além do âmbito técnico.

É possível afirmar que a farmácia hospitalar vai além da simples distribuição para participar de forma muito mais efetiva da farmacoterapia adotada pelo médico.

Conclui-se que a gestão de estoques de uma farmácia hospitalar é de grande relevância, exigindo um profissional que conheça profundamente os mecanismos de gerenciamento de estoques e que também tenha conhecimentos técnicos e apurados sobre materiais e medicamentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Farmácia hospitalar**. São Paulo: Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo, 2012.

DIAS, M. A. **Administração de materiais: uma abordagem logística**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, A. **Farmácia hospitalar**. Artigo publicado em 2013. Disponível em <http://www.ebah.com.br>. Acesso em 02 Mai. 2015.

POZO, H. **Administração de recursos materiais e patrimoniais: uma abordagem logística**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SANTOS, G. A. A. **Gestão de farmácia hospitalar**. São Paulo: Senac, 2006.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; JOHNSTON, R. **Administração da produção**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SLACK, N. et al. **Administração da produção**. São Paulo: Atlas, 2006.

VIANA, J. J. **Administração de materiais: um enfoque prático**. São Paulo: Atlas, 2009.

ABSTRACT

By means of extensive literature review, this study discusses the importance of inventory management in the hospital pharmacy and, therefore, its development includes: initial theoretical scores on inventory management; the pharmacy of the hospital and its management; inventory management in the hospital pharmacy. It was found that the management of stocks constitutes an action which interfered with and influence of various factors and promoting benefits, ease, responsiveness and cost of maintenance products in stock. It was found that the hospital pharmacy houses in the administrative point of view, the most expensive input of the hospital that is the medicine that, by value, implies more than attention, that is, the way will be acquired, stored, prepared for dispensation , prescription control mechanisms and other technical activities of the pharmaceutical field. It was concluded that the inventory management of a hospital pharmacy is of great importance, requiring a professional who deeply know the inventory management mechanisms and also has technical and accurate knowledge of materials and medicines.

Keywords: Administration; Hospital Pharmacy; Inventory Management.